



MARIA: A AUTÊNTICA FILHA DE ABRAÃO

Tarcísio Marcelino Ferreira MONAY*
Douglas Pereira PAUL**

RESUMO

No decorrer da história da salvação, muitos homens e mulheres escutaram o chamado do Deus de Abraão e colocaram-se no mesmo movimento de saída à procura de uma autêntica resposta a Deus e a si próprios. Todavia, uma jovem de Nazaré, de nome Maria, destacou-se por assemelhar-se mais profundamente ao pai da fé. Este artigo tem como questão de pesquisa a aproximação entre a caminhada de fé feita por Abraão e por Maria. A hipótese é a de que Maria tenha experimentado realidades de provações semelhantes às de Abraão e as tenha encarado com a mesma humildade e entrega a Deus que o pai da fé. Assim, pela radicalidade de seu sim, Maria pode ser considerada a mais autêntica filha de Abraão. Como obras principais foram tratadas a **Temor e tremor** (1979), do filósofo Kierkegaard, **Maria: um espelho para a Igreja** (2015) e, ainda, **Nós pregamos o Cristo Crucificado** (1997), ambas do padre Raniero Cantalamessa. Enriqueceram a temática os escritos dos papas João Paulo II (2016), Bento XVI (2013) e Francisco (2016). Além destas, compõem o *corpus* teórico obras de teólogos como André Wénin (2006) e Hans Balthasar (2016). A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que deu origem a um texto etnográfico sobre a temática selecionada.

Palavras-chave: Maria. Abraão. Fé. Peregrinos.

*Mestre em Teologia bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Professor de grego bíblico e literatura joanina no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

** Graduado em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

1 INTRODUÇÃO

A história do povo de Israel encontra na experiência de Abraão um dos seus eventos fundantes. O patriarca expressa em sua trajetória o caminho que o povo todo e cada indivíduo é convidado a percorrer à luz da fé. Em Abraão, torna-se visível o movimento de um Deus que quer se relacionar com a criatura humana estabelecendo com ela uma Aliança (WÉNIN, 2006, p. 55). Esse movimento relacional tem seu início e seu alicerce em Deus. Ele é quem quebra o silêncio, garante a Aliança e abre o caminho para o diálogo. No entanto, essa abertura requer de Abraão uma resposta ativa e livre. O caminho para alcançar tal resposta é que dará ao patriarca o nome de pai da fé e amigo de Deus.

No decorrer da história da salvação muitos homens e mulheres escutaram o chamado do Deus de Abraão e colocaram-se no mesmo movimento de saída à procura de uma autêntica resposta a Deus e a si próprios. Todavia, uma jovem de Nazaré, de nome Maria, destacou-se por assemelhar-se mais profundamente ao pai da fé, a tal ponto de ser considerada a mais autêntica filha de Abraão (JOÃO PAULO II, 2016, p. 48).

Neste artigo, pretende-se apresentar algumas semelhanças entre Maria e Abraão, com o objetivo de lançar luzes à caminhada de fé dos indivíduos e das comunidades hodiernas. O olhar contemplativo para essas duas testemunhas da experiência de Deus pode oferecer, em todos os tempos, alimento substancial para aqueles que buscam dar sua resposta ao chamado do Deus da Aliança.

2 OLHOU PARA A HUMILDADE DE SUA SERVA

Uma primeira semelhança entre Maria e Abraão consiste no fato de ambos terem recebido de Deus uma promessa. Como fora dito, o Senhor quebrou o silêncio e voltou seu olhar para se comunicar com eles. Neste diálogo imprevisível,

Abraão e Maria recebem uma maravilhosa promessa de Deus. Abraão ter-se-ia tornado pai de um filho, do qual iria nascer uma grande nação. Maria tornar-se-ia Mãe de um filho que seria o Messias, o Ungido do Senhor (JOÃO PAULO II, 2016, p. 49).

Sendo assim, os dois ouvintes da palavra de Deus tornaram-se portadores de uma promessa de descendência. Sabe-se que a descendência no contexto bíblico está intimamente ligada à benção e à continuidade da vida. Maria e Abraão são, portanto, convidados a tornarem-se geradores da vida.

Este paralelo se aproxima mais quando se observa o absurdo da promessa. Abraão e Sara, sua mulher, já eram de idade avançada e Maria ainda não havia se relacionado com nenhum homem. Nos dois casos, a promessa parecia impossível. A isto se acrescenta o fato de que o Senhor não lhes disse apenas que teriam um filho, mas que, de uma promessa aparentemente impossível, nasceria algo maravilhoso: uma grande nação e o Messias.

Nesses dois casos nota-se uma peculiar escolha de Deus em fazer das pequenas coisas maravilhas. A humilhação de Abraão mostra-se estampada no drama da infertilidade, uma vez que a incapacidade de gerar filhos coincide, na cultura semita, com a ausência de horizontes (BRUEGGEMANN, 1986, p. 34). A pequenez de Maria está presente no fato de ser uma simples virgem de um lugar insignificante da Galileia semipagã (BENTO XVI, 2013, p.32).

Assim, a humildade foi a abertura encontrada pelo Senhor para fazer da infertilidade e da virgindade um lugar de vida abundante. Neste sentido, são significativas as palavras de Balthasar:

O pobre, que está no pó, não tem, em si, nenhuma qualidade especial como pré-requisito para que Deus venha exaltá-lo: a misericórdia a ele dirigida tem seu fundamento único no próprio Deus, cuja livre graça encontra receptividade no espaço vazio da pobreza, ao passo que parece desnecessária no espaço totalmente preenchido dos ricos, soberbos e poderosos (BALTHASAR, 2016, p. 36).

Até aqui se evidenciou o fato de que Maria e Abraão receberam semelhante promessa da parte de Deus. Neste sentido, não há mérito nenhum da parte deles, uma vez que receberam passivamente um anúncio imprevisto. O que os tornará protagonistas na história da salvação é a resposta que deram a esta absurda promessa. Os dois responderam sim ao apelo de Deus e decidiram livremente percorrer a estrada desconhecida aberta pelo Senhor.

No entanto, só foi possível percorrer tal caminho porque se reconheceram dependentes de Deus e lançaram-se com confiança em suas mãos. Essa confiança

pode também ser chamada de obediência, uma vez que exigiu deles uma escuta atenta ao chamado e uma presença plena e duradoura da resposta.

3 A NOITE DA FÉ

O chamado de Deus a Abraão está ligado a um convite de saída. São essas as primeiras palavras ditas ao patriarca no livro do Gênesis: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu lhe mostrarei” (Gn 12,1). Em seguida, após o nascimento do filho da promessa, o Senhor diz novamente: “Toma teu filho, teu único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu te indicarei” (Gn 22,2).

Portanto, Abraão precisou percorrer um caminho geográfico e um caminho interior. Ele foi convidado a sair de sua segurança para colocar-se indefeso na estrada mostrada por Deus. Foi convidado ainda a abrir mão da própria promessa de Deus, uma vez que o Senhor lhe pediu o filho da promessa. E diante de tal convite se colocou a caminho. No entanto, seria ingênuo e até mesmo insensível pensar que este movimento aconteceu sem angústia e sofrimento. Nas palavras de Kierkegaard:

Pela fé Abraão abandonou a terra de seus maiores e foi estrangeiro na terra prometida. Abandonou uma coisa a sua razão terrestre, por outra, a fé; se refletisse no absurdo da viagem, nunca teria partido. Pela fé foi estrangeiro na terra prometida onde nada evocava o que amou, onde a novidade das coisas imprimia na alma a tentação dum doloroso arrependimento (KIERKEGAARD, 1979, p. 118).

Uma atenta contemplação da caminhada de Abraão não permite que escape o dado da angústia e do absurdo. Ele subiu ao monte Moriá com Isaac sem abrir a boca. Isso admite supor o tamanho da dor de um pai que não apenas entregará seu filho ao sacrifício, mas será ele mesmo sacrificador. Admite ainda supor como foram sofridos os três dias de silêncio e incompreensão que duraram o caminho até a montanha do sacrifício.

Também neste ponto, Maria assemelha-se a Abraão. Da mesma forma que fora pedido dele o filho da promessa, fora pedido dela o seu único filho. A mãe do Messias entregou em obediência a Deus o seu Filho amado. Ela soube renunciar a

todos os privilégios de ser a mãe do ungido e caminhou muitas vezes no silêncio e na escuridão da fé (CANTALAMESSA, 2015, p. 87). Ela disse sim ao convite de Deus e, assim como o pai da fé, saiu apressadamente dirigindo-se ao alto, primeiro à região montanhosa da Judéia e depois até o calvário.

Em alguns relatos dos evangelhos pode-se perceber o silêncio ruminoso de uma mulher que abraçou a fé e meditou nela. Maria precisou subir, nesta noite escura, junto com seu filho, o monte do sacrifício. Como observou Raniero Cantalamessa:

Abraão subiu com Isaac ao monte Moriá, e Maria subiu após Jesus ao monte Calvário. Mas de Maria pediu-se muito mais que de Abraão. Deus sustou o pedido no último instante e ele recuperou o filho vivo. Com Maria não. Foi-lhe preciso cruzar a linha extrema e sem retorno, que é a morte. Recuperou o Filho, mas só depois de o terem baixado da cruz (CANTALAMESSA, 1997, p. 74).

Entretanto, Maria não experimentou a noite da fé apenas na subida ao Calvário. Desde o anúncio do anjo ela precisou se deparar com a dura experiência da não compreensão e da dor. Sofreu pela falta de acolhida e hospitalidade em Belém, no momento em que deu à luz ao Filho da promessa; vivenciou a dor do exílio ao ter que fugir de Herodes para o Egito; silenciou-se ao escutar do piedoso Simeão a promessa de uma espada que lhe trespassaria a alma. Enfim, a Mãe de Jesus viveu plenamente a tensão de acreditar (FRANCISCO, 2016, p. 26).

Em síntese, mesmo reconhecendo que de Maria fora pedido algo bem distinto do que de Abraão nota-se que ambos se assemelharam na experiência da noite escura da fé. O generoso chamado de Deus não os poupou do sofrimento e da dor. A fé não foi para eles um anestésico e nem um privilégio. Ao contrário, caminharam muitas vezes no absoluto isolamento e alcançaram a renúncia máxima. Tiveram que entregar-se totalmente nas mãos de um Deus que é o mistério absoluto.

4 FELIZ AQUELA QUE ACREDITOU

A última das três semelhanças entre Maria e Abraão, que neste estudo apontamos, reside na alegria experimentada na fé e na benção que deriva de tal vivência. Ao receberem de Deus uma promessa, receberam também a fé como dom

e se alegraram por esse presente. E quando o Senhor os provou pedindo que sacrificassem esse dom, “[...] não fechastes, sobre o dom, uma mão contraída para guardá-lo ciosamente” (WÉNIN, 2006, p. 64). Nesta atitude, demonstraram a Deus e a si próprios que a fé oferece à vida possibilidade de uma autêntica partilha, tornando-se assim semelhantes ao próprio Deus que sempre distribui generosamente suas dádivas.

Sendo assim, pode-se afirmar que a fé é a luz que permite a compreensão do dom como partilha. Quando Abraão recebeu de Deus um presente, um filho, foi convidado a decidir o que fazer com tal oferta. Se houvesse escolhido guardar para si e para sua família esse dom, nunca teria se tornado luzeiro para a humanidade, pois faz parte da pedagogia de Deus mostrar que a abundância é fruto da partilha e não do acúmulo. Desse modo, Abraão tornou-se amigo de Deus na missão de distribuir generosamente seus dons. Fez do dom recebido uma tarefa (WÉNIN, 2006, p. 64).

Por não ter recusado a Deus a dádiva recebida, foi abençoado e tornou-se motivo de bênção, como se verifica no **Gênesis**: “Através de teus descendentes, todas as nações da terra serão abençoadas, pois você atendeu à minha palavra” (Gn 22,18). Portanto, em Abraão pode-se vislumbrar um relacionamento com Deus, uma aliança, capaz de conduzir a humanidade à felicidade e à bênção. O Senhor aventurou-se em mostrar sua face ao patriarca, que, em sua liberdade, respondeu sim ao convite feito pelo criador de gerar vida abundante (WÉNIN, 2006, p. 70).

A mesma relação de amizade verifica-se em Maria, como afirmou Raniero:

O Antigo Testamento conhece um amigo de Deus por antonomásia: Abraão. “Abraão, meu amigo”, chama-o o próprio Deus (Is 41,8). O povo de Israel, que sabe disso, apoia-se nessa amizade para conseguir o perdão: Não nos retireis vossa misericórdia, em atenção a Abraão, vosso amigo (Dn 3,35). Também no Novo Testamento Deus tem agora uma amiga, que é Maria. A liturgia aplicou a Maria as palavras do cântico dos Cânticos: Oh, como és formosa, minha amiga! (Ct 4,1). (CANTALAMESSA, 2015, p. 210, grifo do autor).

Dessa forma, encontra-se em Maria toda a beleza da criatura que soube dizer sim ao projeto do Criador. Nela se evidenciam as dimensões de dom e tarefa presentes na fé. Em primeiro lugar porque recebeu gratuitamente a dádiva de ser a

mãe do Cristo. O Filho que ela gerou não foi resultado de uma relação puramente humana, mas veio do alto. Depois, porque soube renunciar continuamente a esta dádiva, fazendo de sua vida um sinal luminoso da graça de Deus (BENTO XVI, 2013, p. 37).

Não seria exagerado afirmar que a vocação de Maria foi a de se doar sempre. Ela ofereceu o seu corpo para gerar o Verbo de Deus, ofereceu o seu tempo e seu amor para educá-lo e para cuidar dele. Em seguida, abriu mão de todos os direitos maternos e doou-o aos outros, a tal ponto de precisar do auxílio de outros para falar com seu filho (Mc 3,31-35). Por fim, devolveu seu precioso Dom nas Mãos do Pai com total confiança (CANTALAMESSA, 2015, p. 197).

Na saudação de sua parente Isabel encontram-se palavras parecidas com aquelas que anjo dirigiu a Abraão: “Bendita és tu entre as mulheres” (Lc 1,42a) e em seguida: “Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido!” (Lc 1,45). Percebem-se nestas palavras que a felicidade e a bênção estão intimamente ligadas à fé. Sendo assim, a bem-aventurada Virgem Maria é modelo dos frutos que a fé produz. Nela a fé produziu abundantes frutos de alegria (FRANCISCO, 2016, p. 10).

Em síntese, pode-se notar que Abraão e Maria, mais do que mestres, são testemunhas da alegria e da bênção que o caminho da fé oferece. Ao partilharem o dom recebido, eles não apenas tornaram-se modelos a serem seguidos, mas fonte de bênção. Em Maria e Abraão, todas as gerações dos crentes são abençoadas. Assim sendo, podem ser chamados respeitosamente de pais da fé.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de revisitar o caminho percorrido por Abraão e Maria, ficam evidentes alguns motivos pelos quais Maria pode ser considerada a autêntica filha de Abraão. Faz-se importante destacar que, de muitas outras formas, seria possível estabelecer semelhanças entre eles. No entanto, não é o objetivo aqui exaurir esta preciosa fonte de testemunho, mas apenas apontar elementos que possibilitem lançar luzes na caminhada de fé dos homens e mulheres de hoje.

Após contemplar o testemunho dos pais da fé, torna-se possível compreender melhor um dos significados do termo fé. Na concepção hebraica, a palavra *aman* “[...] expressa o conceito básico de sustento e é usado no sentido de braços fortes que sustentam uma criança necessitada” (HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1998, p. 85). Ao considerar as fragilidades de Abraão e Maria e a forma como confiaram em Deus, não é difícil perceber como se adaptam a este conceito.

No entanto, a confiança em Deus não anula as fragilidades da natureza humana. A mãe de Jesus e o pai de Isaac tiveram que experimentar toda escuridão da noite ao renunciarem àquilo que tinham de mais precioso. Também na caminhada de fé dos homens e mulheres de hoje são propostas inúmeras renúncias. São peregrinações dolorosas e às vezes solitárias. A experiência da partilha continua deslocando as seguranças daqueles que desejam trilhar tal estrada.

Nesta peregrinação pedagógica que é a vida, o Senhor continua convidando todas as pessoas para um encontro com Ele. A comunidade cristã é o lugar onde os peregrinos se encontram para descansar, abastecer suas forças e partilharem as alegrias e os sofrimentos dessa estrada. Neste sentido, a comunidade cristã é a casa da fé. Por isso, “recuperar a ideia de casa significa garantir o referencial para o cristão peregrino se encontrar no lar. É uma estação, uma parada no caminho para a pátria definitiva” (CNBB, 2014, p. 96).

A atitude de saída é inerente ao processo criacional e ao crescimento humano. A criança precisa sair do ventre materno para se desenvolver, o filho precisa sair da casa dos pais para experimentar sua independência e o homem e a mulher de fé necessitam sair constantemente de si mesmos e de suas seguranças para encontrarem a verdadeira segurança de suas vidas. Nesse sentido, o Papa Francisco convida a seguir os passos de Maria:

Geração após geração, dia após dia, somos convidados a renovar a nossa fé. Somos convidados a viver a revolução da ternura, como Maria, Mãe da Caridade. Somos convidados a “sair de casa”, a ter os olhos e o coração abertos aos outros. A nossa revolução passa pela ternura, pela alegria que sempre se faz proximidade, que sempre se faz compaixão- que não é comiseração; é padecer com, para libertar- e leva a envolver-nos, para servir na vida dos outros. A nossa fé nos faz sair de casa e ir ao encontro dos outros para partilhar alegrias e sofrimentos, esperanças e frustrações (FRANCISCO, 2016, p. 37).

Por fim, nessa peregrinação somos atraídos pelo próprio Deus. Ele deseja que experimentemos a alegria que brota desse encontro, nos convida a sermos semelhantes a Ele na experiência da partilha. Sigamos os passos de Abraão e Maria nessa caminhada rumo à pátria definitiva.

MARY: THE AUTHENTIC DAUGHTER OF ABRAHAM

ABSTRACT

Throughout the history of salvation many men and women listened to the call of the Abraham's God and put themselves in the same outward movement in search of an authentic response to God and to themselves. However, a young woman from Nazareth, named Mary, stood out because she resembled the father of faith more deeply. This article has as a research question the approximation between the wondering of faith that was made by Abraham and Mary. The hypothesis is that Mary has experienced realities of trials similar to those of Abraham and has faced them with the same humility and surrender to God as the father of faith. Thus, by the radicality of her yes, Mary can be considered the most authentic Abraham's daughter. As main works were treated to **Temor e tremor** (1979), of the philosopher Kierkegaard, **Maria: um espelho para a Igreja** (2015) and yet, **Nós pregamos o Cristo crucificado** (1997), both by Father Raniero Cantalamessa. The theme was enriched by the writings of Pope John Paul II (2016), Benedict XVI (2013) and Francisco (2016). Besides these, the theoretical *corpus* was composed by works of theologians as André Wénin (2006) and Hans Balthasar (2016). The methodology used was the qualitative bibliographical research, which has given rise to an ethnographic text on the selected theme.

Key-words: Mary. Abraham. Faith. Pilgrims.

REFERÊNCIAS

AMAN. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do antigo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 85.

BALTHASAR, Hans Urs Von. **Maria: para hoje**. São Paulo: Paulus, 2016.

BENTO XVI, Papa. **A filha de Sião: a devoção mariana na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2013.

BIBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém: nova edição rev. e ampl.** São Paulo: Paulus, 2006.

BRUEGGEMANN, Walter. **A terra na bíblia: dom, promessa e desafio**. São Paulo: Paulinas, 1986.

CANTALAMESSA, Raniero. **Maria: um espelho para a Igreja**. 13. ed. Aparecida: Santuário, 2015.

_____. **Nós pregamos o Cristo crucificado: meditações para a sexta-feira santa na Basílica de São Pedro**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

CNBB. **Comunidades de comunidades: uma nova paróquia, a conversão pastoral da paróquia**. São Paulo: Paulinas, 2014.

FRANCISCO, Papa. **A virgem Maria**. Brasília: Edições CNBB, 2016. (*Theotókos*, v. 14).

JOÃO PAULO II, Papa. **A virgem Maria**. Brasília: Edições CNBB, 2016. (*Theotókos*, v. 12).

KIERKEGAARD, Soren Aabye. Temor e Tremor. In _____. **Kierkegaard: diário de um sedutor; temor e tremor; o desespero humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os pensadores).

WÉNIN, André. **O homem bíblico: leituras do primeiro testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.